

Sociedade dos Amigos do Museu de
Francisco Tavares Proença Júnior

MATERIAES



III SÉRIE | N.º 4 | 2019

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença J.^o

MATERIAES

**Castelo Branco
2019**

CASA DO RAMALHO (PENAMACOR): UM ABRIGO RUPESTRE COM UM GRANDE SOLIFORME

**Francisco Henriques^{1e3}, Carlos Neto de Carvalho^{1,2e3}, Sara Ferro⁴,
Hugo Pires^{3e5}, João Caninas^{1,3e6} e Mariana Vilas Boas^{2e7*}**

Introdução

O presente estudo tem como objecto uma figura rupestre identificada em 2016 pela geóloga Mariana Vilas Boas num abrigo rochoso denominado Casa do Ramalho.

A sua identificação como gravação antrópica resultou do contraste com a alteração poligonal visível na superfície granítica da rocha. Por este facto solicitou colaboração aos signatários no sentido de esclarecerem tal ocorrência.

A Casa do Ramalho é um pequeno abrigo formado pelo encosto de dois grandes blocos de granito biotítico de grão médio que assentam sobre afloramento da mesma tipologia de rocha². Localiza-se na Mata da Câmara, no topo do extremo oeste do relevo residual sobre o qual assenta Penamacor, à cota de 539m (figura 1).

* ¹Associação de Estudos do Alto Tejo, ²Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO, ³Projecto de Investigação Mesopotamos, ⁴Arqueóloga, ⁵Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Universidade do Porto, ⁶CHAIA – Universidade de Évora, ⁷Município de Penamacor.

² O “Miradouro da Casa do Ramalho” (VILAS BOAS et al., 2015) está classificado como geossítio, integrando o Inventário do Património Geológico e Geomineiro do Geopark Naturtejo – Geoparque Mundial da UNESCO, e integra o “PR1 – Rota da Vila”.

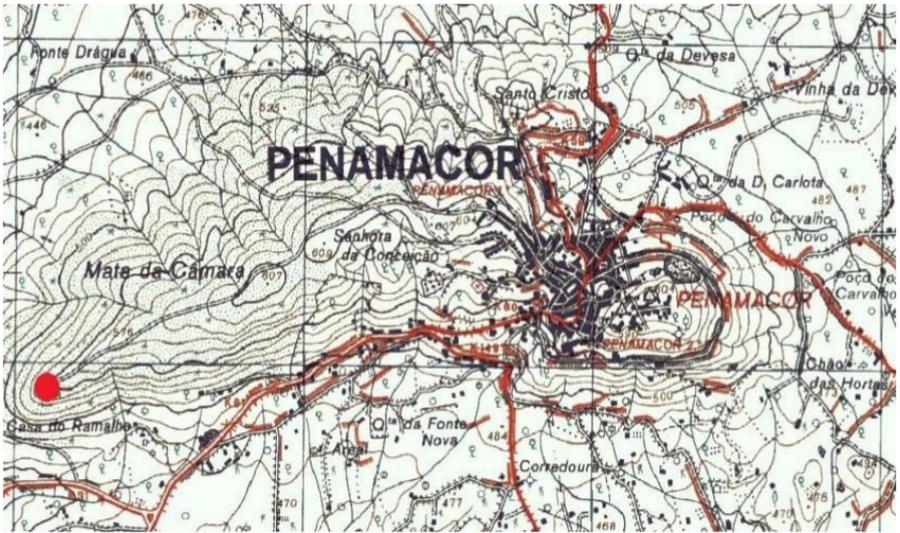
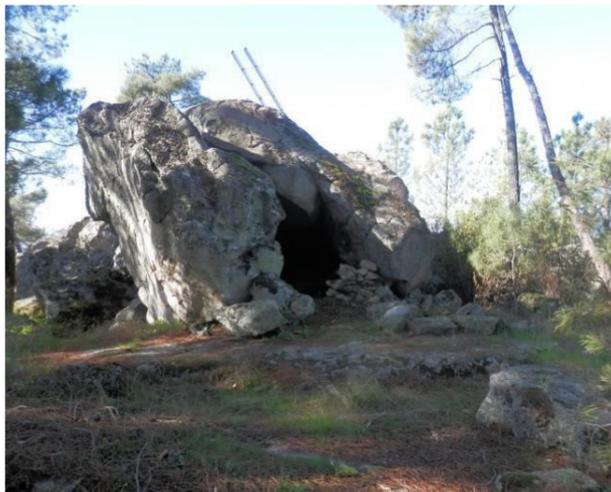


Figura 1. Localização em extrato da Carta Militar de Portugal, nº 248 escala 1/25000.

O abrigo tem planta sub-retangular com as seguintes medidas nos quatro lados: 2,30m; 2,10m; 2,30m; 1,90m. A cavidade existente entre os dois referidos blocos tem formato aproximadamente triangular com 1,6m de altura, na parte mais alta. O chão é formado por terra e parece ter reduzida potência, entre 10cm e 15cm. Encontra-se aberto a nascente, 60° norte, e a poente. A abertura poente está bloqueada até meia altura por parede, de pedra seca, com derrube. No lado nascente também existe pequeno murete em pedra seca, que fecharia a restante abertura. Qualquer das aberturas poderia ser fechada com ramaria (figuras 2 e 3).

O interior apresenta vestígios de utilização recente, blocos de granito que serviram de assento, no lado sul, e sinais de fogueiras, no lado norte. Tanto no interior do abrigo como no exterior não foi observado material arqueológico com características móveis, provavelmente devido ao coberto vegetal e à espessa manta morta.



Figuras 2 e 3. Panorâmica nascente da Casa do Ramalho e perspectiva a partir de modelo 3D.

O bloco que forma o lado norte do abrigo, bem como a sua cobertura, tem sobre a entrada uma superfície inclinada, voltada a nascente, relativamente irregular, onde parece observar-se a figura de um círculo raiado. Em frente do abrigo existe uma superfície aplanada sobre afloramento e a cerca de 50m a nascente observou-se uma área com derrubes, de difícil interpretação porque se encontra oculta por espessa manta morta.

Em Fevereiro de 2019 após a desmatção e limpeza do espaço envolvente, com vista à realização do modelo 3D, foram identificados, no lado norte da entrada, a cerca de 3m de distância, blocos de granito disformes, tendo um deles características subparalelepípedicas, com 100cm de comprimento e espessuras a variar entre 23cm na base, 16cm no topo e 47cm de altura visível. Encontra-se tombado. Numa das faces observa-se um semicírculo (crescente), com 22cm de diâmetro, e uma pequena figura oval (9cm de diâmetro maior) acima deste. Os motivos foram abertos por incisão (largura de 2cm e 0,5cm de profundidade) (figuras 4 e 5). Posto a pino, o bloco apresentaria o crescente com as pontas voltadas para cima. Não é de excluir a hipótese do bloco ter funcionado como marco de termo. O crescente é um motivo relativamente comum na região³ e ocorre em aras de época romana como na própria heráldica concelhia. Embora não pareça ser esse o caso, convém não esquecer a presença de motivos lunulares, voltados para cima, nas partes superiores de faces principais de diversas estátuas-menires, antropomórficas, dos cromeleques de Almendres e de Portela de Mogos, associados a pequenos círculos, simulando olhos e seios, e a gravações subrectangulares que simulam narizes, conferindo carácter antropomórfico a estes monumentos (Gomes, 1997).

³ Fernando Robles Henriques e Cézer Santos (2016) durante o levantamento arqueológico realizado na Freguesia de Bemposta (Penamacor) registam fotograficamente um marco fundiário templário, patente no Museu da Bemposta, onde também se observa um crescente com as pontas voltadas para cima e informam, através de email, que “*vimos algumas coisas com crescentes gravados em pedras e em uma eventual ara, nomeadamente no museu e na Bemposta, mas todas associadas à Época Romana*”. Para a vizinha região de Idanha-a-Nova, a investigadora Ana Sá (2007) regista cinco monumentos epigráficos, da época romana, com crescentes em alto-relevo ou incisos.



Figuras 4 e 5. Imagens do marco e da face insculpida com o crescente e a oval.

Para oeste, em plena encosta e a poucas dezenas de metros da Casa do Ramalho, existe uma outra cavidade rochosa aberta a sudeste. Além da entrada não apresenta outras aberturas. Tem planta subrectangular (1,0m x 3,2m) e corte trapezoidal com alturas a variar entre 1,1 m e 1,7 m. No fundo do abrigo existe um bloco granítico que serve de assento.

Contexto geológico

A área da Casa do Ramalho localiza-se na extremidade NE do plutão granítico zonado de Penamacor-Monsanto (figura 6). O contacto com as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras faz-se nas proximidades. Este granito intruiu em profundidade, no Grupo das Beiras, há pouco mais de 300 milhões de anos, durante as fases finais de desenvolvimento da cadeia montanhosa Varisca resultante da formação do supercontinente Pangeia. Nesta área, uma falha provável de direcção aproximada N45°E é responsável pela estruturação em escarpa, com cerca de 150m de desnível, do relevo residual de Penamacor. A área envolvente à Casa do Ramalho, onde o relevo granítico termina em cunha, desenvolve uma paisagem de caos de blocos. O granito de duas micas é tendencialmente porfirítico de grão médio, com maior abundância de fenocristais de oligoclase face aos de microclina (Neiva & Campos, 1992), assim como de biotite. Estes granitos mostram uma alteração hidrotermal normalmente intensa (Neiva & Campos, 1993).

Os blocos que constituem a Casa do Ramalho mostram exemplos de planos de falha com fissuração poligonal natural, por vezes muito penetrativa (até 50cm) e com a intersecção de fissuras, gerando polígonos quadrangulares a pentagonais (Figuras 7, 8 e 9). A fracturação predominante tem uma orientação N60°E, inclinando 45°, bem como N45°O, pouco penetrativa. Por vezes, esta fissuração poligonal acompanha o desenvolvimento de geofomas do tipo bolas graníticas. A fissuração ou fracturação poligonal encontra-se normalmente associada a estiramento que ocorre nas superfícies graníticas perpendicularmente aos planos de cisalhamento, em acordo com Vidal Romaní (2008).

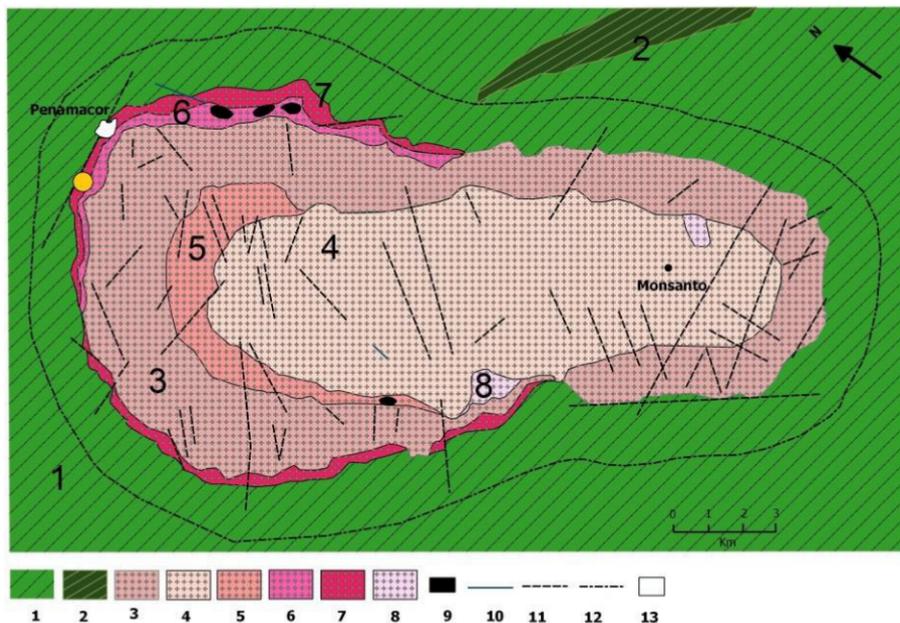
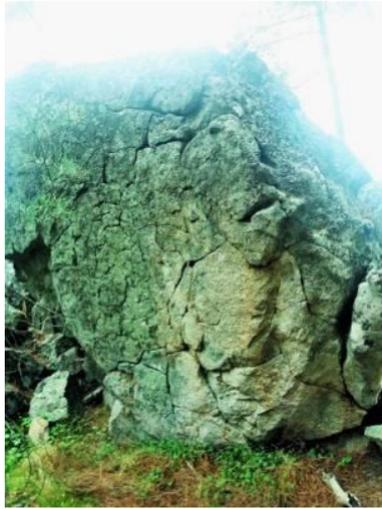


Figura 6. Mapa geológico do plutonito de Penamacor-Monsanto (NEIVA & CAMPOS, 1992), com a localização da Casa do Ramalho (assinalada com círculo). Legenda: 1 – Grupo das Beiras (Complexo Xisto-Grauváquico); 2 – Sinclinal Quartzítico de Penha Garcia; 3 – Granito de duas micas porfirítico de grão médio a grosseiro; 4 – Granito de duas micas porfirítico de grão grosseiro; 5 – Granito de duas micas porfirítico de grão médio; 6 – Granito de duas micas; 7 – Granito de duas micas de grão médio a grosseiro; 8 – Granito moscovítico porfirítico de grão médio a grosseiro; 9 – Aplitos; 10 – Falhas; 11 – Falhas prováveis; 12 – Auréola de metamorfismo de contacto com as rochas metassedimentares; 13 – Penamacor.



Figuras 7 e 8. Face sul do abrigo granítico onde se observa fissuração poligonal ao longo de plano de cisalhamento sub-paralelo à falha principal, no topo. Formas radiais resultantes da intersecção natural de fracturas penetrativas na rocha granítica; compare-se, na imagem no topo, o forte relevo da figura raiada localizada na cobertura do abrigo, com o mesmo tipo de forma localizada no lado direito da entrada deste.

A microfracturação resultante da deformação frágil da rocha é então mais susceptível de ser meteorizada por percolação de fluidos meteoricos ao longo das descontinuidades de origem tectónica, dando-se o alargamento em cunha e progressivamente mais profundo, até que a exposição aérea da superfície granítica, por erosão, interrompe o processo. Assim a fissuração poligonal é uma herança da tectónica tardi-Varisca que afectou os granitos já cristalizados no interior da crosta terrestre, mas que se desenvolve com o aspecto actual apenas quando os blocos graníticos em que se encontra são alcançados pela erosão, provavelmente já no Quaternário. Outras geoformas observadas, mais raras, são as pias de meteorização encontradas nas superfícies planas sub-horizontais. A gravura em análise ocorre numa diaclase com orientação N40°O tendo uma inclinação de 24° para ENE.

Contexto arqueológico

No relevo onde se implanta o abrigo apenas se conhece ocupação antiga na zona do castelo da Penamacor, conhecida por Cimo de Vila (a pouco mais de 2 km para nascente). Nas escavações arqueológicas que decorreram neste local entre 2003 e 2006, dirigidas por Silvina Silvério, a presença de artefactos cerâmicos e líticos pré e proto-históricos comprovaram a ocupação humana daquele espaço anterior à construção do castelo medieval. Tratam-se de vasos produzidos a torno lento com decorações unguliformes sobre o bordo, mamilos e conjuntos ondulados, horizontais ou verticais incisos, superfícies «sepilladas» e ornatos brunidos, enquadráveis cronologicamente entre o Neolítico Final / Calcolítico e Bronze Inicial (Silvério, Barros e Nunes, 2010: 200). Da mesma época refira-se o povoado do Ramalhão (Serra Pedreira), situado numa elevação granítica a sudeste da vila de Penamacor e a pouco mais de 3 Km do abrigo, também a sudeste, onde foi documentada uma ocupação mais antiga, de ascendência neolítica, atestada em formas cerâmicas simples e primárias, com decoração rara, à base de mamilos e triângulos (Vilaça, 1989: 26) associadas a indústria de pedra polida e pedra lascada em número menor.

Nas proximidades da Casa do Ramalho conhecem-se outros sítios arqueológicos de cronologia romana como Fonte Dráguia, 675m a noroeste, e Aranhões, a 2Km a sudoeste, evidenciados por vestígios diversos, como fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum e de armazenamento, *terra sigillata*, elementos de moinho e no primeiro caso, um peso de lagar (Ferro, 2016: n.º182 e n.º 150). Mais recente será a cronologia de outros sítios próximos (a cerca de 1Km) também inventariados na carta arqueológica do município (Ferro, 2016) como são os casos do conjunto de sepulturas escavadas na rocha da Quinta do Cândido Mono, de Sobreiral do Areeiro e de Sobreiral do Areeiro 1 (Id. *Ibidem*: n.º 208, 231 e 232) e os lagares rupestres de Fonte das Freiras e de Fonte das Freiras 1, todos localizados a sul da elevação onde se implanta a Casa do Ramalho.

Desconhecem-se histórias e lendas associadas ao local, quer em bibliografia, quer oralmente. Provavelmente o nome Ramalho poderá estar relacionado com algum pastor que utilizava aquele abrigo.

Metodologia de representação gráfica

A representação morfológica do abrigo rupestre e o registo das suas especificidades gráficas envolveu uma digitalização tri-dimensional e a aplicação do Modelo Residual Morfológico (MRM) para evidenciar as gravações antrópicas detectadas a olho nú.

As técnicas de digitalização tridimensional constituem um novo recurso, de fácil utilização, para a representação de realidades arqueológicas, das gravações às estruturas e à paisagem, um processo ainda em desenvolvimento visando tirar o melhor partido da enorme quantidade de dados disponíveis. No presente caso aplicou-se a técnica de fotogrametria digital a partir de séries sistemáticas de fotogramas e do estabelecimento de um conjunto de alvos de pontaria coordenados geodesicamente através de sistema de posicionamento por satélite (D-GPS). Como resultado obteve-se uma nuvem de pontos com resolução

espacial média de 1cm², o que permitiu criar uma réplica digital detalhada do abrigo e da sua envolvente próxima (figura 3).

No caso do painel gravado foi realizada a respectiva digitalização com uma resolução espacial de 0,25mm² de forma a se obter um registo detalhado do micro-relevo das zonas gravadas. Ao modelo tridimensional assim obtido foi aplicado o MRM (figuras 9 e 13), um algoritmo de análise de micro-relevo desenvolvido por um dos autores (Pires et al., 2014) para produzir imagens contrastadas de grafismo rupestres, que tem permitido aumentar a acuidade visual das gravações antrópicas presentes em superfícies rochosas, a partir do processamento das irregularidades morfo-lógicas desse suportes e criar registos que permitam obter mais informação no futuro.



Figura 9. Aplicação do Morphological Residual Model (MRM) sobre o lado norte da superfície da entrada do abrigo.

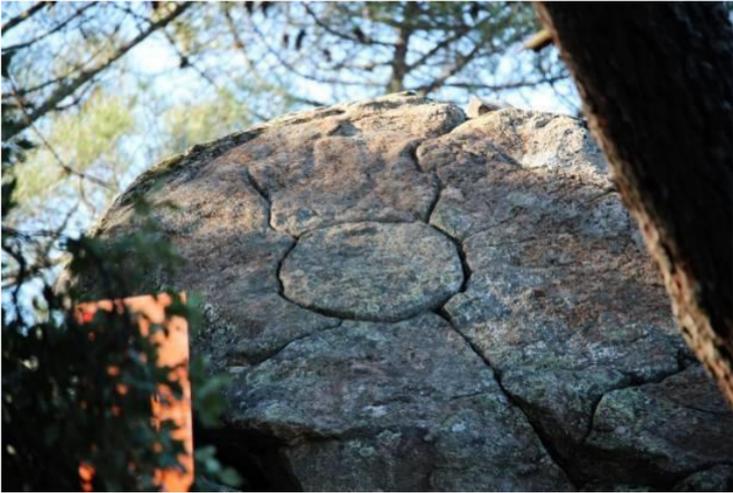
Descrição da gravura

Passamos à descrição da gravura que é objecto deste breve estudo, com a intenção de a divulgar e de motivar os comentários de outros investigadores.

As superfícies rochosas deste abrigo têm a particularidade de apresentar fissuração poligonal natural, principalmente na face sul (figura 7) e no topo. A figura em apreço está situada no terço superior do bloco que forma parte da cobertura do abrigo, em superfície frontal e irregular, em plano inclinado sobre a entrada, voltada a nascente e com cobertura parcial de líquenes e musgos.

Nesta superfície observa-se uma gravura incisa, subcircular, com diâmetros de 58cm (eixo sul-norte) e de 55cm (eixo este-oeste), de cujo sulco saem quatro raios, que se adaptam a fracturas naturais definindo percursos sinuosos e cinco outros, talvez intencionalmente incisos e de percurso praticamente recto (figuras 9, 10, 11 e 12). Estes últimos são equidistantes e podem não corresponder a fissuras naturais da rocha. Requerem condições favoráveis de luz natural para se observarem a partir da base do abrigo, por este facto foram tardiamente identificados. Os dois inferiores são muito mais curtos que os três cimeiros (figura 12) e menos profundos. Até à produção da representação MRM estas fendas foram consideradas antrópicas. Porém, devemos admitir a possibilidade de serem fissuras naturais acentuadas por acção humana, tal como as anteriormente abordadas.

Numa leitura espontânea pode interpretar-se como uma figura solar (figura 13) raiada.



Figuras 10 e 11. Localização da figura na cobertura do abrigo, no topo e imagem do círculo raiado, antes da limpeza, abaixo.

O conjunto gráfico, formado pelo círculo e pelos raios tem 1m de amplitude na direcção sul-norte e 1,5m na direcção este-oeste.

A particularidade desta gravura é a complementaridade entre os sulcos naturais, resultantes da alteração poligonal do granito⁴, e o trabalho humano, com objectivo de dar melhor expressão ou reforçar a forma natural pré-existente.



Figura 12. Conjunto de cinco “raios” incisos (?), no lado norte.

Os sulcos (figuras 10, 11, 12 e 13), abertos de origem por mão humana ou afeiçoados a partir de sulcos naturais pré-existentes, têm secção em V, com uma variação de largura, na face do painel, entre 4cm e 5cm, e com profundidade de 4cm (figura 14). No segmento sul e oeste, correspondente ao fecho do círculo, verifica-se que os sulcos não coincidem (figuras 13 e 15). Além disso, no fundo do sulco observam-se

⁴ Comum neste tipo de rocha.

marcas do instrumento metálico (escopro), que terá sido utilizado para a sua abertura, cuja superfície cortante não ultrapassaria 2cm (figura 16). Um dos “raios”, com origem na alteração poligonal do granito, que não atingia o círculo, foi completado com um prolongamento do respectivo sulco.

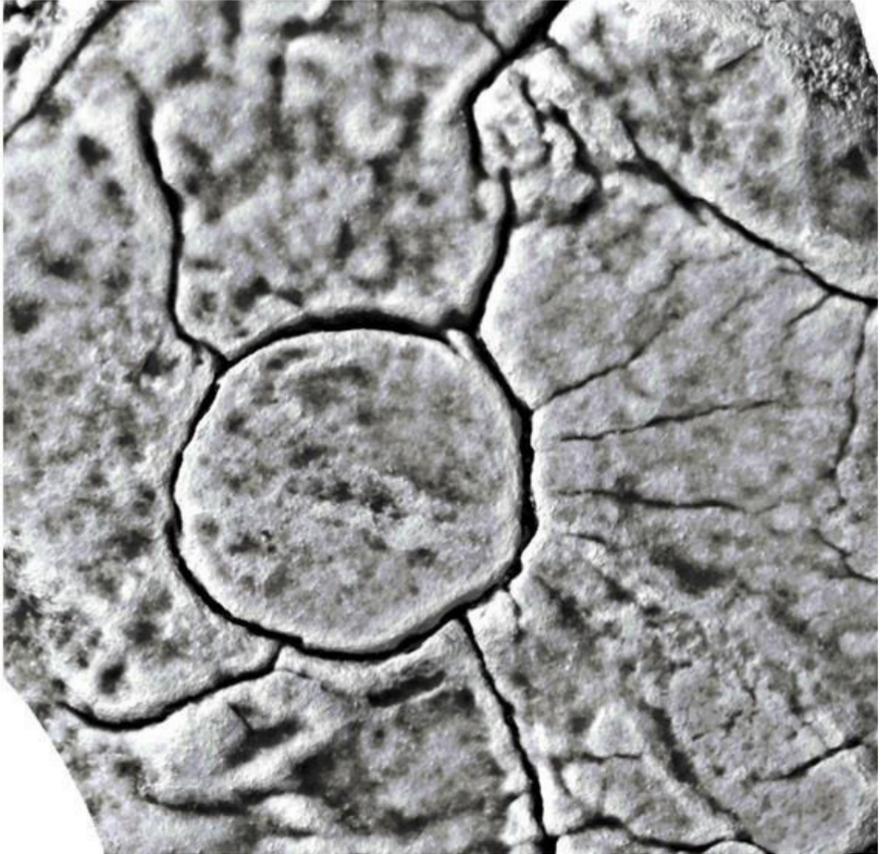


Figura 13. Pormenor do motivo raiado após a aplicação do Morphological Residual Model (MRM).



Figuras 14 e 15. Pormenor do sulco num segmento do “círculo”. Na imagem da direita observa-se o fecho do círculo onde os sulcos não coincidem.



Figura 16. Marcas de instrumento metálico na gravação do “círculo”.

Discussão

Para a identificação de paralelos para a gravura da Casa do Ramalho foi solicitada em 2016 a colaboração de colegas das vertentes de arqueologia e de geologia/geomorfologia granítica. O arqueólogo Antonio Cordero, profundo conhecedor da arqueologia da Província de Cáceres, comunicou-nos, a partir das fotografias enviadas, que “nunca vi nada parecido com isso aqui, (...) É muito interessante e vale a pena o seu estudo”.

O arqueólogo Mário Reis, do Parque Arqueológico do Vale do Côa, proporcionou-nos a seguinte opinião: “vi as imagens que mandou e não são fáceis de interpretar. Desde logo não conheço paralelos. A impressão geral é claramente a de uma formação natural, que poderá ter sido aperfeiçoada pela realização de novos sulcos ou ampliação das

fissuras naturais. As fotografias não conseguem transmitir esse eventual aspecto antrópico (...). Assim, a haver antropização de um elemento natural será um caso muito interessante, não inédito mas raro, de provável cronologia pré-histórica, embora também aqui seja difícil conjecturar muito, o tema solar existe na arte esquemática, mas é figuração bastante óbvia e que se repete ao longo do tempo. O granito pode também ser uma rocha muito enganadora no que toca ao carácter antrópico ou não dos sulcos, pelo que eu teria prudência, mesmo com a opinião favorável de um geólogo”.

O arqueólogo António Baptista confidenciou-nos a seguinte impressão: “coisa estranha que eu vejo nas fotos! Não tanto pela monumentalidade (há círculos concêntricos na arte do NW Peninsulares bem maiores, como no Alto Minho) mas pelo tipo de traço, muito cavado, surgindo a parte central quase em alto-relevo. Mais me parece uma tentativa de cortar um fragmento de rocha, aprofundando as diáclases e arredondando a base, já que considerar isto uma figuração solar será um pouco forçado. Mas fico com curiosidade de ver o sítio e ter assim uma opinião mais fundamentada”.

André Tomás Santos, arqueólogo da Fundação Côa Parque, remeteu-nos a seguinte resposta: “ao olhar para as fotografias, lembrei-me de uma situação semelhante pela qual passei. Refiro-me à minha visita à fonte da Pedra na serra do Montemuro, sítio publicado por Celso Tavares da Silva e outros investigadores que agora não tenho presente (penso que o Inês Vaz e mais alguns). Na altura eu, o Domingos Cruz e o João Nuno Marques andámos dois dias (literalmente) de roda da rocha, mas acabámos por considerar tudo aquilo natural. Ao olhar para as tuas fotografias pareço reconhecer mais ou menos o mesmo fenómeno (aí não tão intenso). Não Julgo, no entanto, implausível, que parte da rocha tenha sido alvo de um trabalho pontual, mas parece-me também difícil demonstra-lo (...)”⁵.

⁵ Registo no Portal do Arqueólogo da DGPC, Fonte da Pedra, CNS 23585 “junto à antiga estrada Picão-Rossão, está referenciado um conjunto de arte rupestre pré-histórico,

Ainda em Novembro de 2016 um dos subscritores enviou documentação fotográfica para o geólogo Diamantino Pereira e para o geógrafo Paulo Jorge da Silva Pereira questionando-os acerca da possibilidade de ser “um petroglifo antrópico ou humanizado ou de um hieróglifo granítico?” A resposta de ambos foi: “não sei. Parece-me que podem ser as duas coisas... Não conheço nada parecido. Mas no contexto parece antrópico. Um sol?”

Na Serra da Gardunha, no cruzamento dos caminhos que vêm de Louriçal do Campo para o alto da serra, observa-se um curioso exemplo de uma superfície granítica com fissuração poligonal (figura 17). Na região abundam fracturas cujas superfícies ostentam este tipo particular de meteorização do granito, penetrativa a partir do plano de fractura, particularmente abundante na Serra da Gardunha. No caso concreto, a intersecção de fracturas mais ou menos penetrativas, mais lineares e finas ou mais alargadas e portanto irregulares, resulta em formas circulares imperfeitas com dimensões decimétricas comparáveis com a gravura da Casa do Ramalho. No entanto, no exemplo da Serra da Gardunha não se observam indícios de aperfeiçoamento antrópico, por raspagem ou a cinzel. Estas fissuras paralelas à direcção de máxima distensão são antes

composto por quatro painéis. O arqueólogo Celso Tavares da Silva descreve o conjunto: " situa-se esta importante estação de arte rupestre em plena Serra de Montemuro, já próxima da cumeada, a cerca de 2 km a Nordeste do lugar de Picão. Ao local dá-se o nome de Fonte da Pedra, em razão de uma nascente que nas proximidades brota de enorme fraga. As insculpturas espalham-se por três grandes rochedos que centram em ligeira depressão e, por isso, facilmente identificáveis. Segundo este investigador a rocha 1 tem gravados pequenos círculos, figuras ovaladas, reniformes e um hipotético punhal. A rocha 2 tem círculos, reniformes e cordiformes. Na rocha 3 foi identificado um "sulco ondeado, formando uma figura ligeiramente ovalada". Em 2005, e ao abrigo do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos 2003 “Serra do Montemuro: ocupação humana e evolução paleoambiental”, da responsabilidade do arqueólogo Domingos de Jesus da Cruz registou-se o seguinte: “dois núcleos de afloramentos graníticos. Nos blocos fragmentados observam-se importantes concentrações de óxido de ferro. Os efeitos que permitiram a formação das pretensas figurações, de contorno circular, oval ou mais irregular, terão origem quer na própria constituição do granito, quer em processos de erosão. Trata-se de formações naturais, sem interesse arqueológico. O sítio foi identificado como estação de arte rupestre por Celso Tavares da Silva”.

resultado da percolação das águas infiltradas no subsolo ao longo das fracturas, com alteração progressiva da rocha a partir da sua superfície.



Figura 17. Fissuração poligonal da Serra da Gardunha mostrando uma configuração natural circular mais irregular resultante da intersecção de fissuras.

No início de 2017 um dos signatários obteve, junto do coordenador do Centro de Interpretação Geológica de Canelas, cópia de trabalho de Manuel Valério de Figueiredo com o título *Gravura Rupestre de Regoufe, Côvelo do Paivô* (Figueiredo, 2010).

A gravura em causa (figuras 18 e 19) designada de “Marca dos Mouros” localiza-se na margem direita da Ribeira de Regoufe “a cerca de 10 metros do nível médio das águas da ribeira, o suporte do motivo é constituído por um grande bloco de granito, voltado para Sul (...), que percorre a sua margem ao longo de 50 metros, apresenta cerca de 15 metros de largura, estando inclinado para a ribeira, entre 45% a 60%, no sentido Norte/Sul. O acesso á gravura só é possível com o auxílio de cordas, o que dificultou o seu levantamento fotográfico com escala, na parte superior Norte existe um enorme caos de blocos de granito”.

A gravura foi aberta por picotagem e “o motivo gravado é constituído por um círculo fechado como um anel, com cerca de 120mm de largura, por uma profundidade variável entre 10 e 30 mm, o seu diâmetro máximo chega aos 1240mm. A cova central está um pouco deslocada para Oeste, tendo uma orla superior com 270mm, atingindo uma profundidade em forma de funil que atinge os 300mm, terminando em forma circular com 30mm de diâmetro. Circundam o círculo como raios, sete traços com comprimentos variáveis entre 350 e 500 mm, cinco são bem visíveis, os restantes dois, parecem mais erudidos, podendo alguns estar relacionados com fracturas da rocha pré-existentes. No entanto essa disposição em forma de raios, suscita a representação abstracta do Sol. Poderíamos argumentar que o buraco central serviria para a colocação de uma peça móvel, no entanto esta possibilidade só pode ser encarada em estudos futuros”.



Figuras 18. Gravura rupestre de Regoufe
(fotos de Manuel Valério).



Figuras 19. Gravura rupestre de Regoufe
(fotos de Manuel Valério).

Na opinião daquele autor (Figueiredo, 2010) este motivo “poderá integrar o denominado Grupo Galaico Português, inserindo-se no Terceiro Grupo, apelidado de «Filiformes e Outros», com uma ampla cronologia, situada desde a Idade do Bronze até à Idade do Ferro”. Este é talvez o caso que mais se aproxima da gravação presente na Casa do Ramalho, atendendo ao suporte, ao motivo e à relação dos raios com as fracturas pré-existentes na superfície da rocha, embora executado com uma técnica diferente.

O círculo, por vezes na forma raiada, é um motivo comum na arte rupestre portuguesa, em gravura e pintura. Na Beira Baixa, não longe de Penamacor, existe um vasto conjunto gráfico, ao ar livre, sobre bancadas rochosas sub-horizontais, o complexo de arte rupestre do Tejo, no qual as formas circulares, incluindo as raiadas (equiparadas a sóis), são dominantes, sendo-lhes atribuída, por diversos investigadores (Baptista,

1981; Gomes, 2010) uma cronologia entre o Neolítico e a Idade do Bronze.

Mas estes motivos também percorrem as expressões gráficas presentes em monumentos megalíticos, nomeadamente em menires e em esteios de sepulturas. Refiram-se algumas situações dominantes, quanto à posição cimeira e à dimensão, das representações circulares e soliformes naquele tipo de suportes. Em menires, são os casos do círculo, em relevo, com feixes de sulcos divergindo em pelo menos duas direcções, que encima a estela-menir da Belhoa (Santos, 1972: 56), em Reguengos de Monsaraz, da grande covinha raiada que encima de igual modo monólito de Vale de Maria Pais (Carvalho & Gomes, 1994), em Penedono, ou de dois exemplares fálcos de Monte Roma (Silves) em cujos topos existe um círculo a partir do qual descem linhas onduladas (Gomes, 1983: 391). Na face interna de esteio adjacente à entrada na câmara dolménica de Carapito 1 (Cruz & Vilaça, 1990), gravado com pelo menos três soliformes, o maior ocupa a posição cimeira junto da extremidade superior daquele monólito. Tal situação também se observa num ortóstato, decerto retirado de sepultura megalítica não identificada na área do Porto, que está encimado por um círculo de dez raios, sobre dois antropomorfos e enquadrado por linhas ondulados maioritariamente verticais (Gomes, 1983: 395).

O motivo em análise extravasa os cânones anteriores; pelas dimensões, pelo tipo de suporte e pela fusão entre o natural e o antrópico. De qualquer modo o que se observa na Casa do Ramalho é a posição sobranceira de um grande sol, voltado a nascente, como que reiterando o seu nascimento, sobre uma entrada também orientada de acordo com o padrão das sepulturas dolménicas. Mas pode tratar-se de mera convergência de características desprovidas do simbolismo que gostaríamos de lhe poder atribuir. A par dos exemplos documentados nos rios Erges e Ocreza (Henriques *et al.*, 2012), a Casa do Ramalho, é mais um caso entre os abrigos, naturais ou antrópicos, associados a manifestações gráficas.

Conclusão

Nos comentários que recebemos constata-se uma reacção muito cautelosa tanto de geólogos, especialistas em geofornas graníticas, como dos arqueólogos, especialistas em arte rupestre, fundamentados em imagens fotográficas da referida gravura.

Consideramos tratar-se de uma composição natural acentuada por acção antrópica. Está sugestivamente orientada a nascente e ocupa uma posição de destaque sobre o abrigo, uma circunstância que tem paralelos antigos na gravação de idênticas figuras em esteios de cabeceira de sepulturas megalíticas. É desconhecida informação de carácter imaterial sobre o lugar.

Na ausência de paralelos e de contexto arqueológico, local, é difícil formular uma opinião acerca da sua cronologia. Ainda assim, e pelo facto do fundo do sulco apresentar marcas de escopro metálico cremos estar perante uma intervenção compatível com a idade do Bronze ou de época posterior atingindo, no limite, época Moderna - Contemporânea.

O presente estudo é uma chamada de atenção para os arqueólogos e geólogos no sentido de valorizarem estas especificidades das superfícies rochosas e simultaneamente um pedido de colaboração no sentido de contribuírem para o esclarecimento das dúvidas agora expostas.

Bibliografia

- BAPTISTA, A. M. (1981) A rocha F 155 e a origem da Arte do vale do Tejo. *Monografias Arqueológicas*, 1. GEAP- Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 83 p.
- CARVALHO, P. S. & GOMES, L. F. (1994) O menir de Vale de Maria Pais (Antas, Penedono): notícia preliminar. *Estudos Pré-Históricos*, 2. Viseu: 367-377.
- CRUZ, D. & VILAÇA, R. (1990) Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira Distrito da Guarda). *Trabalho do Instituto de Arqueologia Dr Mendes Correia*, 45. Porto: 22 p
- DOMINGOS, C. & VILAÇA, R. (1990) Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira): resultados preliminares. *Trabalhos do Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”*, 45. Porto: 23 p.
- FERRO, S. (2016) – *Carta Arqueológica do concelho de Penamacor. Relatório.*
- FIGUEIREDO, Manuel Valério de (2010) - Por Terras do Rei Lobo – I – Gravura Rupestre de Regoufe, Côvelo do Paivô (Noticia Preliminar).
- GOMES, M. V. (1983) – Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs. In: *The Intellectual Expression of Prehistoric Man, Art and Religion*, III Valcamonica Symposium, 1979, pp. 385-401, Capo di Ponte.
- GOMES, M. V. (1997) Estátuas-menires antropomórficas do Alto Alentejo. *Descobertas recentes e problemática. Brigantium*, 10. A Coruña: 255-279.
- GOMES, M. V. (2010) *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. Inédito.
- HENRIQUES, F. R.; SANTOS, C. (2016) - Levantamento Arqueológico e Patrimonial da Freguesia da Bemposta (Penamacor), II Congresso Internacional de Arqueologia de Castelo Branco, Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, Castelo Branco: 341-352.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M.; PEREIRA, A. & CARVALHO, E. (2012) Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. *Trabalhos de Arqueologia*, 54. Direção-Geral do Património Cultural. Lisboa: 293-312.
<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>
- NEIVA, A.M.R. & CAMPOS, T.C. (1992) - Genesis of the zoned granitic pluton of Penamacor-Monsanto, central Portugal. *Memórias e Notícias*,

Publicações do Museu e Laboratório de Mineralogia e Geologia da Universidade de Coimbra, 114: 51-68.

- NEIVA, A.M.R. & CAMPOS, T.C. (1993) - The zoned granitic pluton of Penamacor-Monsanto, central Portugal: hydrothermal alteration. *Memórias e Notícias, Publicações do Museu e Laboratório de Mineralogia e Geologia da Universidade de Coimbra*, 116: 21-47.

- PIRES, H., MARTÍNEZ RUBIO, J. & ELORZA ARANA, A. (2015) - Techniques for revealing 3D hidden archaeological features: Morphological Residual Models as virtualpolynomial texture maps. *International Archaeological Photogrammetric Remote Sensing Spatial Information Science* 40-5/W4: 415–421; doi: 10.5194/isprsarchives-XL-5-W4-415-2015.

- SÁ, A. M. (2007) - *Civitas Igaeditanorvm*: Os Deuses e os Homens, Município de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova.

- SANTOS, M. F. (1972) *Pre-Historia de Portugal*. Biblioteca das Civilizacoes Primitivas. Editorial Verbo. Lisboa: 175 p.

- SILVERIO, S., BARROS, L., e NUNES, D. (2010) – Arqueologia no castelo de Penamacor - Cimo da Vila: a alcáçova e o cemitério. Resultados das campanhas de 2004 a 2006. *Arqueologia Medieval*. Número 11, 195-221.

- VIDAL ROMANÍ, J.R. (2008) – Forms and structural fabric in granite rocks. *Cadernos Laboratorio Xeolóxico de Laxe*. 33, 175-198.

- VILAÇA, R. (1989) – O povoado pré-histórico do Ramalhão (Penamacor). Resultados das escavações de 1988-1989. *Conimbriga*. XXVIII, 5-32.

- VILAS BOAS, M., NETO DE CARVALHO, C., RODRIGUES, J. C. & VALENTE, A. (2015) - Património Geológico de Penamacor: inventário de Geossítios e propostas para a sua valorização. *Açafa Online*. 10, 23-72.

Agradecimentos

A Mariana Vilas Boas pela indicação da gravura na Casa do Ramalho e pela adaptação do mapa geológico. Aos colegas André Tomás Santos, António Martinho Batista, António González Cordero, Diamantino Pereira (geólogo), Fernando Henriques, Mário Mascarenhas Monteiro, Mário Reis e Paulo Pereira (geógrafo) pelos comentários que nos proporcionaram.

Um especial agradecimento ao colega Manuel Valério pela partilha de imagens referentes à gravura de Regoufe e que aqui se publicam, à Câmara Municipal de Penamacor, pelo apoio à execução deste estudo e do seu levantamento tridimensional, e à empresa intermunicipal de turismo Naturtejo.

SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA	p. 3
Continuar o caminho – Maria Adelaide Neto S. F. Salvado.....	p. 5

Benedicta Maria da Fonseca Duque Vieira e Carmo Ferreira

– IN MEMORIAM

- Nota Biográfica.....	p. 9
- Uma pessoa notável - Ana Margarida Ferreira.....	p. 11
- Uma amiga inesquecível - António Alfaia de Carvalho.....	p. 13
- O privilégio de conviver com Benedicta Duque Vieira - Deolinda Conceição Flores Bastos.....	p.15
- Homenagem a uma amiga - Hermann Scheufler.....	p. 17
- “Lembranças machucam. As boas ainda mais” – Maria Celeste Marcelino Tavares de Sá Pereira Capelo.....	p. 21

SABERES

- O Museu como território de afectos, duas décadas depois de criado o Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia - Luís Raposo	p. 27
- Noronha da Costa no Museu Tavares Proença Júnior - Ana Lúcia Pinto.....	p. 37

TERRITÓRIAS E MATÉRIAS

- Casa do Ramalho (Penamacor): Um abrigo rupestre com um grande soliforme - Francisco Henriques, Carlos Neto de Carvalho, Sara Ferro, Hugo Pires, João Caninas, Mariana Vilas Boas.....	p. 53
- Os podomorfos de Serrasqueira (Castelo Branco) e de Pedreira (Proença-a-Nova): Notícia - Francisco Henriques, João Caninas, Anabela Joaquineto, Luís Bravo Pereira.....	p 81

- Patri Libero et Liberae - José d'Encarnação.....p. 99
- Uma inscrição islâmica de Serpa no olhar de Francisco Tavares Proença Júnior - Miguel Serra, Pedro Miguel Salvado.....p. 111
- Epigrafia Portuguesa do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior – Joaquim Baptistap. 121
- A Póvoa, de Benedicta Vieira: Um Rio de... memórias - Joaquim Candeias da Silva..... p. 135
- Elementos da acção pastoral e política do 2º Bispo de Castelo Branco - D. Vicente Ferrer da Rocha - Maria Adelaide Neto Salvado.....p. 145
- Os Tavares de Almeida Proença: Política e notoriedade social no Portugal do século XIX - Nuno Pousinho.....p. 173
- Homenagem à mulher do mundo rural - Manuel Lopes Marcelo.....p. 191
- Pastores. A documentação fotográfica do ciclo pastoril do concelho de Idanha-a-Nova - Eddy Chambino.....p. 197
- A nossa faladura – arrondear – Anselmo Cunha p. 207

LETRAS E MEMÓRIAS

- Dois textos esquecidos de Manuel de Paiva Pessoa: “As obras da Sé” - “O Museu Regional Francisco Tavares Proença Júnior”.....p. 215
- Dois cataventos: “O Museu Francisco Tavares Proença” – “É bordar e receber?” – Manuel Costa Alves.....p. 227